

Empresários estão otimistas com economia ^{Brasil}

Embora a pesquisa mostre um clima de confiança, as empresas preparam-se para enfrentar os juros altos e o acirramento da concorrência

Adriana Lopes Arai e
Christiane Bueno Malta
de São Paulo

Depois do susto do pacote fiscal e da alta dos juros no final de 1997, os empresários sentem-se em um ambiente economicamente tranqüilo neste início de ano. O alarmismo de uma catástrofe eminente, na figura de um ataque ao real, começa a perder espaço para a expectativa de que nada mudará muito depois de um período bastante turbulento na economia mundial. Os empresários estão cientes de que novos maus ventos vindos do Sudeste asiático ainda podem chegar ao Brasil, mas nada que varra sua confiança na capacidade de recuperação da economia nacional.

O ambiente de confiança na economia é o que identificou uma pesquisa junto a 126 executivos realizada pela Matriz Consultores Associados. "O resultado surpreendeu, depois de tanto alarmismo no final do ano passado. Agora todos estão ligeiramente otimistas em relação ao Brasil", diz o professor de planejamento estratégico da Universidade Mackenzie, Sérgio Porto de Almeida, diretor da Matriz.

Embora confiantes na economia brasileira, os executivos acreditam que o primeiro semestre deste ano registrará nível de atividade baixo, com pouco ou nenhum crescimento em relação a 1997. "Os juros ainda estarão muito altos. O poder aquisitivo corroído nos dois últimos anos, devido a reajustes salariais abaixo da inflação, contribuirá para um período difícil para o mercado", avalia Ronald Rodrigues, vice-presidente corporativo da Gessy Lever.

Em razão disso, Rodrigues também prevê um acirramento na concorrência em 1998 para garantir lucros. "As empresas terão que batalhar por fatias de mercado, o que significa um nível razoável de investimentos em novas linhas de produtos", diz.

Uma injeção de ânimo na atividade econômica, na opinião de Sérgio Porto de Almeida, chega em meados deste ano. "A oferta de crédito para as pessoas físicas deve aumentar em

maio ou junho. A inadimplência levou os bancos a fechar as torneiras em janeiro e muitos tomadores não têm mais como rolar as suas dívidas. Por isso será necessário abrandar o aperto do crédito", prevê. Além disso, prevê, a liquidez no meio do ano pode aumentar e os bancos ficarão com muitos recursos ociosos.

Os executivos consultados também apostam em uma ligeira aceleração no ritmo de desvalorização do real, que deve ficar acima da inflação como em 1997, mas desta vez em torno de 9% nominais. "Desta forma o governo dá um pequeno incentivo aos exportadores sem comprometer o cupom cambial que atrai os investimentos externos, garantindo as reservas cambiais", explica Porto. Os entrevistados também acreditam que a entrada de capital externo no País deve aumentar em 1998. "E a desvalorização, em tese, dá sinais de que podemos ter exportações maiores".

Porto ressalta que o Brasil deve colher ótimos resultados com a safra agrícola deste ano, contanto que os preços internacionais mantenham-se estáveis. "A América do Norte e o Canadá estão tendo problemas com o El Niño, o que deverá favorecer a safra brasileira que começa em março".

Principais indicadores para o planejamento de 1998

Variáveis	Cenários		
	Pessimista	Mais provável	Otimista
Crescimento do PIB	1,5 %	2,5 %	4,0 %
Investimento/PIB	15,0%	18,0%	20,0%
Inflação (IGP-M)	12,0%	4,5%	2,5%
Taxa de juros CDI	28,0%	25,0%	20,0%
Taxa de juros capital de giro	45,0%	40,0%	30,0%
Taxa de juros CDC	120,0%	100,0%	80,0%
Desvalorização cambial (US\$)	15,0%	9,0%	5,0%
Cupom cambial	11,2%	14,7%	14,3%
Índice de desemprego	10,0%	8,0%	5,0%
Exportações	US\$ 50 bi	US\$ 55 bi	US\$ 60 bi
Importações	US\$ 60 bi	US\$ 53 bi	US\$ 50 bi
Reservas cambiais	US\$ 50 bi	US\$ 60 bi	US\$ 70 bi

O desemprego, de acordo com a pesquisa, vai aumentar. "Além dos sucessivos ganhos de produtividade das empresas, há os reflexos da crise asiática, que perdurarão por algum tempo", diz Sérgio Porto. Ele prevê uma taxa de desemprego em torno de

8% para este ano. De acordo com Rodrigues, a Gessy Lever, que tem cerca de 13 mil funcionários, acabou demitindo 200 pessoas neste ano, por conta de ganhos de produtividade e busca de eficiência. "Fechamos algumas linhas para concentrar a produção em

outras", explica. "No nosso caso foram poucas demissões, mas o desemprego deve continuar aumentando".

A pesquisa mostra, no cenário mais provável, uma redução significativa no déficit comercial: US\$ 3 bilhões (o déficit em 1997 atingiu US\$ 8,5 bilhões). "Para tanto otimismo, precisamos levar em conta dois fatores ocorridos no ano passado: muitas importações de máquinas e equipamentos e a recomposição das reservas de petróleo. Com a renovação do parque industrial, há um período para a adaptação das empresas antes de novos investimentos e as reservas estão recompostas para uma eventual crise no Golfo", diz Porto.

O presidente do conselho da Dixie Toga, Sérgio Haberkfeld, diz que a produção da empresa — a primeira no "ranking" do setor de embalagens, segundo a revista Balanço Anual — deverá crescer neste ano de 6% a 7%. Nosso planejamento da produção está baseado em vários fatores macroeconômicos, explica ele.

O conselho da empresa acredita que as privatizações deverão manter o ritmo atual, o que propiciará grandes investimentos por parte de várias empresas. "E sem dúvida, o setor de embalagens será beneficiado por isso".

Outro fator que tem animado a empresa são os investimentos estrangeiros. "É certo que as remessas para fora do País estão aumentando. Contudo, isso também tem significado mais aplicações do investidor estrangeiro aqui, mostrando que esse dinheiro retorna", diz. Em 1996 as remessas ao exterior somaram US\$ 2,8 bilhões; em 1997 cresceram para US\$ 5,1 bilhões.

A empresa também tem se preparado para conviver com juros altos. A maior parte dos empréstimos, em eurobônus e capitalização em vendas de ação, são de longo prazo. Com isso, os juros altos terão um efeito reduzido para a empresa.

Haberkfeld concorda com Ronald Rodrigues, da Gessy Lever, que o desemprego terá uma tendência de crescimento, principalmente na área estatal. Mas na Dixie Toga não haverá mudanças, garante Haberkfeld. Hoje o quadro de pessoal chega a 2,5 mil funcionários.

O faturamento previsto para a Dixie é de US\$ 530 milhões. No ano passado a empresa faturou US\$ 460 milhões. "O aumento previsto se deve à compra, no segundo semestre do ano passado, da Itap Embalagens Flexíveis, que faturava cerca de US\$ 100 milhões", explica Haberkfeld.